



Covas, com Azeredo, Buai e Suruagy, no encontro no "Estado": "O que pedimos é que nos deem a ferramenta para ser impopulares; não estamos pedindo para ninguém ser impopular em nosso nome"

Estados querem saída igual à da dívida externa

Governadores reivindicam tratamento idêntico ao que a União teve de seus credores externos, quando conseguiu reduzir débito em 35% e refinanciá-lo em 30 anos, a juros entre 4% e 6%

LU AIKO OTTA
e SILVIO BRESSAN

Envolvidos por uma crise financeira que ameaça a governabilidade dos Estados, os governadores estão pedindo uma espécie de "isonomia" com a União. Reivindicam o tratamento igual ao dado à dívida externa brasileira que, graças a uma negociação nos moldes do Plano Brady, foi reduzida em 35% e refinanciada em 30 anos, a juros entre 4% e 6%. "Durante anos se discutiu esse problema e até onde pesava", lembra o governador de São Paulo, Mário Covas. "Até que houve um instante que a Nação negociou lá fora, consolidou a dívida e tomou 30 anos de prazo para pagar", explica. "De lá para cá, esse problema saiu da pauta e o País pode trabalhar tranquilamente sem esse peso."

Para Covas e os governadores Eduardo Azeredo (Minas Gerais), Vitor Buai (Espírito Santo) e Divaldo Suruagy (Alagoas), que discutiram a crise financeira no Estado na quinta-feira, os Estados só querem a mesma oportunidade. "Queremos apenas discutir nossas dívidas nas mesmas condições que o governo federal negociou a dívida dele; se conseguirmos, Alagoas ficará plenamente atendida", reforçou o governador Divaldo Suruagy.

O presidente Fernando Henrique Cardoso concorda com a tese. Tanto que o governo federal iniciou, semana passada, uma imensa operação de renegociação das dívidas estaduais, que soma R\$ 91 bilhões. Os governadores terão juros menores e prazos mais longos para pagar o que devem, em troca de medidas de austeridade nos gastos.

Em fila — Rio Grande do Sul foi o primeiro Estado atendido, na sexta-feira. O próximo da fila é Minas. "Será um acordo semelhante ao da dívida externa", antecipou o governador Eduardo Azeredo. Rápido, Covas avisou: "Quero para São Paulo o mesmo que derem para Minas."

Tal como foi feito com a dívida externa, os governadores terão 30 anos para pagar. Além disso, poderão modificar o perfil da dívida, trocando os títulos que hoje a representam por papéis de prazo mais longo e juros de 6% ao ano, mais a correção monetária pela variação do IGP-DI.

Isso significará, na prática, um alívio nas despesas mensais com o serviço da dívida. A diferença entre a nova taxa e as atuais, que chegam a 50% ao ano, será bancada pelo Tesouro Nacional. "Não é nenhuma benesse", disse o governador de São Paulo. "Estaremos recebendo o mesmo tratamento que o Brasil teve, quando renegociou sua dívida."

Os pobres — Mesmo os Estados mais pobres, que não têm dívidas em títulos, deverão ser beneficiados com uma renegociação global. O governador Vitor Buai levou a idéia do Proer estadual ao presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luiz Carlos Mendonça de Barros. "Ele disse que é possível estudar alguma solução para a dívida contratual", informou Buai. Para Buai, o Proer estadual poderia contemplar uma solução semelhante à de Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio.

Assim como a dívida externa pa-

não vai voltar mais; São Paulo não terá nunca mais o poder que tinha 20 anos atrás."

Diante da falência financeira dos Estados, não restou aos governadores outra tarefa senão tentar organizar a casa. Reza a tradição política que um governador gasta os dois primeiros anos de mandato arrumando as contas e os dois anos seguintes estragando-as. Mas, para a atual safra de governadores, pegos no contrapé pela estabilização econômica, a situação está tão ruim que se consideram vitoriosos se chegarem ao final do mandato com as contas ajustadas. "Encontramos um dente tão cariado que, para nós, só vai sobrar a obturação", comparou Covas. "Se conseguirmos isso, já será ótimo", concordou Buai.

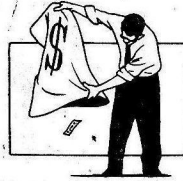
Sem alternativas, os governadores têm feito das demissões a grande obra de início de mandato e lamen-

tam que o Congresso ainda não tenha aprovado a reforma administrativa, que lhes permitiria cortar as despesas mais a fundo.

Para arrumar as contas, vale até colocar aposentados no programa de demissão voluntária, como pretende Suruagy, eleito com o voto de 70% dos alagoanos. "Não há nenhum governador hoje preocupado com biografia de natureza eleitoral ou política", disse Covas. "O que pedimos é que nos deem a ferramenta para ser impopulares; não estamos pedindo para ninguém ser impopular em nosso nome."

"Os atuais governadores estão sendo punidos porque coube a eles a tarefa de adaptar as finanças ao novo cenário de estabilização econômica", explicou Azeredo. Antes, a inflação era uma aliada dos governos,

porque corria os salários do funcionalismo e as demais despesas. "A inflação caiu de 40% para zero e, nessa, nos arrebatamos", queixou-se Suruagy. "Varia de Estado para Estado, mas a maioria se defronta com esse fato: as despesas ainda correm em regime inflacionário e as receitas já atuam em regime de estabilidade", resumiu Covas.



É "UM DENTE TÃO CARIADO QUE SÓ SOBRA A OBTURAÇÃO"

O DRAMA DOS GOVERNADORES

Os maiores desafios de cada Estado

MINAS GERAIS

- Falta de equilíbrio entre receitas e despesas.
- Inexistência de um fundo para aposentados. Até o ano 2.000, os inativos consumirão 50% da folha.
- Lentidão e ineficiência nas licitações, impedindo ações mais rápidas da administração pública.
- Ritmo lento na construção de estradas e usinas.

SÃO PAULO

- Precatórios já atingem R\$ 5,5 bilhões.
- Dívida total do Estado soma hoje R\$ 58 bilhões.
- Injustiças salariais no funcionalismo, com muitos ganhando muito pouco e poucos ganhando muito.
- A média de um policial para 300 habitantes se mostra insuficiente. A segurança hoje é a maior demanda da população.
- Os inativos já consomem 300 mil da folha de R\$ 1 milhão.

ALAGOAS

- 1,2 bilhão de dívidas contratuais.
- Os salários do funcionalismo estavam com cinco meses de atraso. Mesmo com R\$ 150 milhões da Caixa Econômica Federal, os salários ainda estão atrasados três meses.
- Desorganização total do Estado, com greve na segurança e saúde.
- Despesas com férias do Legislativo e Judiciário chegaram a R\$ 100 milhões no primeiro semestre.
- Em apenas um precatório, o governo pagou R\$ 26 milhões por uma empresa que não valia R\$ 5 milhões.

ESPÍRITO SANTO

- A folha de pessoal consome quase 100% da receita e o desequilíbrio tende a crescer.
- A máquina pública está desmontada e não reage para atender às demandas da sociedade.
- O sistema de saúde está falido. Em dois anos de governo, os médicos passaram 13 meses em greve. O Estado perde R\$ 2,5 milhões mensais por falta de preenchimento das guias nos hospitais.
- Quase todas as escolas e hospitais estão nas mãos do governo estadual.
- Segurança pública ineficiente.

FRASES

"Quanto tempo os Estados agüentam? Quanto tempo você acha que um cidadão consegue manter-se ganhando menos do que gasta? Você pode viver a vida inteira assim se deixar de pagar certas coisas, se tiver quem lhe dê crédito, quem agüente suas dívidas, quem não se incomode com isso?"

Mário Covas

"Os Estados já chegaram no limite da ingovernabilidade. Daqui para diante, se não conseguirmos resolver nossos problemas de equilíbrio financeiro, estamos fadados a ser crucificados pela sociedade. Se não resolver agora, todos os Estados ficarão inviáveis!"

Vitor Buai

"Eu já vi resolver a situação de uma porção de bancos. E o Banespa não se resolveu!"

Covas

"Todos os populistas entraram em decadência. Aqueles que só falam em dar as coisas. Todos esses miraculosos entraram pelo cano!"

Eduardo Azeredo

"Não tenho o poder de fogo de Minas ou do Tasso Jereissati. Não podia discutir em números, tinha de discutir na base emocional. E não tinha coisa melhor do que esticar aquela corda com o Judiciário. O pedido de intervenção do Tribunal de Justiça foi quase como um favor pessoal!"

Divaldo Suruagy

"Todo dia, às 17 horas, vejo a arrecadação para ver se ganhei ou se perdi R\$ 1 milhão!"

Covas

"Se estou negociando com funcionários com três meses de atraso, eu tenho muito mais trunfo para convencê-los a sair. Se eu pago todos os atrasados, perco a oportunidade!"

Suruagy

"Quando estoura um problema no Nordeste é uma dor de cabeça para o Covas. Porque quem emigra é mais atuante. O mais tímido fica. O emigrante vai sobreviver. Se não tiver emprego, vai assaltar, roubar, matar. Todos estamos envolvidos nisso!"

Suruagy

"Os próximos governadores vão pegar a casa já organizada, da forma como os prefeitos de agora pegaram!"

Azeredo